



**EM BUSCA DA VOZ INDÍGENA NO ROMANCE
NA SOMBRA DO MUNDO PERDIDO, DE ILKO MINEV
IN SEARCH OF THE INDIGENOUS VOICE IN THE ROMANCE
NA SOMBRA DO MUNDO PERDIDO, BY ILKO MINEV**

Jucicleide Pereira Mendonça SANTOS¹  

Alessandra Conde da SILVA²  

RESUMO: Este trabalho buscar ecoar a voz indígena e pôr em relevo a violência sofrida pelos povos tradicionais, em destaque no romance *Na Sombra do Mundo Perdido*, escrito pelo autor judeu Ilko Minev (2018). Considera-se, nesta análise, o estudo da testemunha solidária (Gagnebin, 2006) e do testemunho (Seligmann-Silva, 2011). O romance narra a história do casal Hazan, judeus recém-chegados a Roraima, transcorrida durante o processo de demarcação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol. A perspectiva central da obra é a do homem branco, sendo perceptíveis indícios de descompaixão para com o outro, o indígena (Seligmann-Silva, 2002), escamoteado em diferentes momentos do enredo. No entanto, ressoa a voz dos povos originários e a violência a que foram submetidos. O sofrimento deles é expresso pelo narrador, que também dá conta da presença judaica na Amazônia (Silva, 2022), permitindo-nos atentar aos detalhes para abrir a caixa do sofrimento e deixar ecoar a voz dessas vítimas e de suas angústias.

Palavras-chave: Testemunha Solidária. Povos Indígenas. Demarcação. “Raposa Serra do Sol”. *Na Sombra do Mundo Perdido*.

ABSTRACT: *This work seeks to echo the indigenous voice and highlight the violence suffered by traditional peoples, highlighted in the novel *In the Shadow of the Lost World*, written by Jewish author Ilko Minev (2018). In this analysis, the study of the supportive witness (Gagnebin, 2006) and testimony (Seligmann-Silva, 2011) is considered. The novel tells the story of the Hazan couple, Jews who had recently arrived in Roraima, during the demarcation process of the Raposa Serra do Sol Indigenous Land. The central perspective of the work is that of the white man, with noticeable signs of lack of compassion towards the other, the indigenous person (Seligmann-Silva, 2002), hidden at different moments in the plot. However, the voice of the original people and the violence to which they were subjected resonates. Their suffering is expressed by the narrator, who also reports on the Jewish presence in the Amazon (Silva, 2022), allowing us to pay attention to the details to open the box of suffering and let the voices of these victims and their anguish echo.*

Keywords: *Solidarity Witness. Indian people. Demarcation. “Raposa Serra do Sol”. *Na Sombra do Mundo Perdido*.*

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL-UFPA). E-mail: cleidemendsan@gmail.com.

² Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás. Docente na Universidade Federal do Pará, Campus de Bragança. E-mail: afcs77@hotmail.com.

Introdução

Os povos originários representam uma parcela considerável da população do território brasileiro e possuem uma riqueza cultural indiscutível. A exploração de garimpos, o avanço de epidemias, a degradação do meio ambiente, a iminente possibilidade de perda da terra e a extinção das etnias são alguns temas recorrentes na história dos povos tradicionais, provocando inúmeras experiências trágicas.

Invisibilizados diante dos nefastos acontecimentos, esses povos sofrem à revelia da sociedade em geral. Portanto, recontar suas vidas, por meio de testemunhos, é uma das formas de trazer ao conhecimento da sociedade as atrocidades presentes em sua memória e existência. Tais narrativas recontam as verdades ocultas em muitos livros, mídias, redes sociais, entre outros suportes de comunicação. Falar é uma das formas de defesa que as minorias têm a seu dispor. O silêncio é convidado a se dissipar, pois as vozes sofridas passam a revelar a outra face da história.

A base teórica deste estudo passa pelos conceitos de testemunho, entre eles o de Felman (2000, p.17 *apud* Fux; Cei, 2012, p. 144): “É uma modalidade crucial de nossa relação com os acontecimentos de nosso tempo – com o trauma da história contemporânea”.

A base teórica deste estudo passa pelos conceitos de Testemunho, que “é uma modalidade crucial de nossa relação com os acontecimentos de nosso tempo – com o trauma da história contemporânea” (Felman, 2000, p. 17 *apud* Fux; Cei, 2012, p. 144). Relativo a este conceito, há o *testimonio* latino-americano, conforme definido por Elzbieta Sklodovska (1992):

*A nuestro parecer, el principio constitutivo del testimonio es expresar la problemática de la colectividad en el mundo moderno, en forma de la experiencia de los que ‘no tiene voz’. Se trata de darles la voz a quienes participan en la historia sin participar en su interpretación*³ (Housková, 1989, p. 15 *apud* Sklodovska, 1992, p. 68).

Ainda sobre conceitos teóricos que embasam este estudo, temos o de testemunha solidária: “aquele que ouve a narração insuportável do outro, que leva adiante a história do outro” (Gagnebin, 2006, p. 285). A abordagem analisa trechos que trazem os holofotes para a voz indígena, presente em *Na Sombra do Mundo Perdido*, de Ilko Minev, autor judeu radicado na Amazônia. O romance tem um enredo ambientado na terra de Macunaíma⁴, personagem mitológica do povo macuxi, que

³ “A nosso ver, o princípio constitutivo do testemunho é expressar os problemas da comunidade no mundo moderno, na forma da experiência daqueles que ‘não tem voz’. Se trata de dar voz a quem participa na história, sem participar em sua interpretação” (tradução nossa).

⁴ Personagem mitológica dos povos pemons da região circun-Roraima, encontrada nas narrativas e canções das etnias da região (Santilli, 2002).

habita o extremo norte do Brasil. É nesse contexto que a narrativa se desdobra sobre a vida de um casal judeu recém-chegado às terras roraimenses e passa pelo processo histórico discutido até à atualidade: a demarcação das terras indígenas.

Na primeira parte do estudo, serão apresentadas informações sobre Ilko Minev, sua origem, migração para a Região Amazônica, além da presença judaica nesse bioma. No que tange à obra, fazemos a apresentação do enredo, destacando o protagonismo judaico e as relações culturais e sociais dos judeus com outros não índios e com os indígenas que vivem na Terra Indígena “Raposa Serra do Sol”⁵. Além disso, enfoca-se a beleza natural das terras roraimenses e o desfecho vitorioso dos povos originários com a posse definitiva dos territórios ancestrais.

Na segunda parte, haverá a explanação de um breve panorama sobre a ocupação dos colonizadores nas terras ancestrais, as riquezas da fauna e da flora, reconhecendo o percurso histórico – a presença dos primeiros habitantes da região, as diferentes formas com as quais os povos ancestrais foram ultrajados, escravizados e violentados ao longo de sua história.

Na terceira parte, apresentamos os conceitos de testemunho, de testemunho latino-americano e de testemunha solidária e suas possíveis relações com a obra de Minev, por este dar voz ao indígena, ainda que discretamente. Neste estudo, buscamos alçar essa voz e trazer à tona a memória indígena por meio de seus testemunhos a fim de promover reflexões e suscitar discussões dentro das temáticas relacionadas aos povos ancestrais.

Na quarta parte, evidenciamos a voz indígena mediante as nuances de testemunhos de violências ocorridas na região: degradação do meio ambiente, agressões simbólica e física praticadas contra os ameríndios, dilemas vivenciados por eles decorrentes da demarcação das terras de seus antepassados e sua luta pela vida. Considerando tais desdobramentos, descortinamos a proposta principal desta discussão, que é revelar a voz indígena e a violência sofrida pelos povos originários, conforme se pode perceber no romance de Minev.

Ilko Minev: origem, obras e sua relação com as terras de Macunaíma

Poucos romancistas judeus se debruçaram sobre a paisagem amazônica das terras de Macunaíma, repletas de encantos e encontros culturais, aonde acontecimentos históricos vieram a

⁵ Os Municípios de Normandia, Uiramutã e Pacaraima compõem a “Raposa Serra do Sol”, habitação de cinco etnias: macuxi, wapichana, taurepang, ingaricó e patamona (Burgardt, 2015). O processo de demarcação teve início em 1977 e finalizou-se em 2005, com a assinatura do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva (Silva, 2017).

definir o futuro das terras de seus antepassados, os povos originários, e outros habitantes que posteriormente povoaram a localidade, principalmente os arroteiros.

No romance de Minev, a Terra Indígena “Raposa Serra do Sol” é o lugar onde o protagonismo judaico foi ambientado, contiguamente à descrição da Amazônia, no Estado de Roraima, com detalhes de nomes de lugares, paisagens, além das relações sociais entre não judeus e indígenas, bem como entre aqueles e outros povos não indígenas.

O escritor Ilko Minev nasceu em Sofia-Bulgária, no pós-guerra. Depois de um envolvimento com o regime comunista, sendo deste dissidente, se refugiou no Brasil, nos primórdios dos anos 1970. Eva, sua mãe, dedicou-se a ensiná-lo, ainda na infância, os princípios do judaísmo e do humanismo. Em seu lar, aprendeu as línguas búlgara e alemã, e teve noções do ladino, língua falada pelos judeus do Mediterrâneo no século 15. Minev apreciava a literatura quando ainda vivia na Bulgária, entre as décadas de 1950 e 1960, o que o fez cursar Letras e especializar-se em Língua Germânica.

Por ter sido dissidente político do comunismo, foi exilado na Bélgica e ali estudou economia, antes da mudança definitiva para o Brasil. Viveu inicialmente em São Paulo e mudou-se para Manaus, capital do Amazonas, há pouco mais de 40 anos, local onde fincou suas raízes e vive com a família.

Ilko Minev publicou, até o momento, quatro romances: *Onde Estão as Flores?* (2014); *A Filha dos Rios* (2015); *Na Sombra do Mundo Perdido* (2018); e *Nas Pegadas da Lemoa* (2021). Neles descreve, com certa precisão, a Amazônia e a convivência judaica com os moradores da região. Teve oportunidades de viajar por diferentes localidades da região, o que lhe permitiu realizar, nos romances, uma descrição minuciosa das ricas paisagens e dos lugares encontrados nesses ambientes.

O primeiro romance – *Onde Estão as Flores?* – narra à história de um sobrevivente dos campos de trabalhos forçados na Bulgária, que testemunhou o passado traumático para que seus descendentes tivessem conhecimento e a tortura não se repetisse. São ecos da Shoah recontados por meio do protagonista Licco Hazan, judeu sefardita, vividos na Bulgária durante a Segunda Guerra Mundial, período em que, felizmente, ocorreu o salvamento de 50 mil judeus búlgaros das câmaras de gás. Depois de ter sido separado do irmão, que se refugiou entre os partisanos⁶, o protagonista segue para a Turquia, encontrando o amor nos braços de Berta, outra fugitiva do nazismo. O casal

⁶ Grupo de resistência ao nazifacismo

chega à Amazônia, tendo o irmão permanecido na Europa. Esse romance procura dar conta da ocupação geopolítica da Amazônia por povos europeus, nordestinos e indígenas.

O segundo romance de Minev – *A Filha dos Rios* – é uma continuidade da história do casal Hazan, agora em família, vivendo no contexto do fim da Batalha da Borracha, período de decadência econômica e baixa perspectiva de ascensão financeira. Ambientada na Amazônia, a narrativa retrata inicialmente a realidade difícil de mulheres que enfrentam e vencem a adversidade do contexto local, ainda na metade do século 20. O enredo tem como protagonista uma mulher da terra, cabocla, chamada Maria, que viveu tragédias nos garimpos e seringais, ambientes que apresentam a natureza e a vida social e cultural da Região Amazônica. A cultura ribeirinha de décadas atrás descortina a história da personagem principal, desde a adolescência até à maturidade, mostrando-se uma mulher sofrida e, ao mesmo tempo, forte para sustentar a família em meio aos garimpos, bordéis e próxima de ambientes de pirataria. É nesse contexto que os Hazans se encontram, dividindo com Maria Bonita capítulos dessa história. A filha adotiva de Maria, filha do falecido casal Melul, mais tarde casa-se com Oleg, sobrinho de Licco Hazan.

O terceiro romance – *Na Sombra do Mundo Perdido* – fornece conteúdo para o estudo dos ecos da voz indígena e dos eventos traumáticos. As personagens protagonistas são ligadas por laços de sangue, até chegar à história do casal judeu Alice Melul e Oleg Hazan, sobrinho de Licco Hazan, que se encontraram no romance anterior, *A Filha dos Rios*. Agora como casal, Oleg e Alice, judeus na Amazônia, protagonizam a história com a chegada a Normandia, em Roraima, como turistas, tornando-se, depois, moradores da região, adquirindo terras na tentativa de recomeçar a vida em um novo lugar. É nas terras de Macunaíma que ocorre o encontro entre judeus e indígenas, descortinado no período em que se dá a demarcação da Terra Indígena “*Raposa Serra do Sol*”. O romance apresenta diferentes cenários, reafirmando, em alguns momentos, a cultura judaica sefardita na Amazônia. É nesses cenários que o leitor adentra as paisagens naturais, conhece crenças e ideais contrários à demarcação das terras indígenas, confrontos e o abandono de bens que estavam na região.

O quarto romance – *Nas pegadas da Alemoa* – apresenta a tentativa de uma expedição nazista invadir e tomar a Guiana Francesa. Um grupo de judeus da família Hazan e amigos descobrem vestígios de alemães no Amapá e seguem pistas na busca por desvendar a razão de uma região tão inóspita despertar a atenção do Führer, procurando esclarecer suas verdadeiras intenções. Todo o enredo se passa em um novo cenário exuberante, onde são apresentados moradores e

paisagens do Amapá na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa. A obra constitui-se numa saga protagonizada por membros da família Hazan.

Nos romances de Minev, percebe-se a inclinação de apresentar a Amazônia para quem a desconhece. “A cada cenário, o autor conduz o leitor a adentrar nas [sic] paisagens naturais e na cultura local” (Santos; Silva, 2022, p. 151). No desenrolar da história, percebe-se a preocupação do autor em conduzir o leitor a visualizar as relações sociais locais ganham notoriedade, “destaca[ndo-se] os contatos Interculturais” (Silva, 2022, p. 139), sobretudo a presença dos personagens oriundos de diferentes lugares, descortinando a questão geopolítica, a verdadeira riqueza do encontro de culturas nordestina, judaica, ribeirinha, indígenas como resultado dos diálogos travados entre eles. Vale ressaltar, dentre os contatos sociais, a ênfase dada às vivências dos judeus na região como podemos ver em: “Os judeus, especificamente os que imigraram para a Amazônia, viveram um judaísmo não convencional e de um requintado enlace com as culturas, línguas e as religiosidades brasileiras desse território” (Silva, 2022, p. 135).

Foi um processo adaptativo custoso para os novos integrantes de localidades amazônicas tão singulares. Diante das peculiaridades culturais, religiosas, políticas e econômicas vigentes na época em que se assentam os enredos, vê-se o esforço dos judeus em conhecer e se adaptar à vida local. Com isso aprenderam costumes regionais, distantes, por vezes de seu antigo modo de viver, mas sem deixar de manter na nova vida a cultura judaica. Em determinadas situações, o legado judeu continuou fortemente fundamentado.

As pressões enfrentadas para sobreviverem como judeus em uma realidade avessa a seus costumes evidenciam-se nos choques culturais, porém riquezas interculturais emergem, forjadas em meio às raízes indígenas e a traços de imigrantes de países vizinhos e de migrantes de outras regiões brasileiras. O protagonismo judaico nas obras reconta as experiências vivenciadas por judeus na Amazônia. A descrição de paisagens, os nomes reais das localidades, conforme se vê nos romances, encaminham as histórias por estradas que atravessam dilemas identitários, existenciais e de sobrevivência, ao mesmo tempo em que retratam os espaços nos quais estão envolvidas as personagens.

Breve apresentação de registros históricos sobre a ocupação de Roraima

Antes de dar seguimento à análise do romance, é necessário fazer um pequeno resumo mostrando fatos históricos que podem esclarecer a questão da ocupação de Roraima para se chegar

às reflexões sobre a demarcação das terras indígenas. Embora não seja esse o objetivo da análise, as temáticas estão entrelaçadas pela história das etnias do extremo norte do Brasil. Em relação a data em que os primeiros colonizadores viajaram para essas terras, tem-se a seguinte informação:

Em 1736, entra no rio Branco a primeira tropa de resgate oficial comandada por Christovão Ayres Botelho, sobrinho de Belchior Mendes de Moraes. Pouco sabemos de sua operação na região, mas apenas que teria “subido muito assima das caxoeiras do Rio Branco em resgate dos Índios”. Temos, também, registro de que data desse mesmo ano a chegada, pela primeira vez, a Belém, dos “produtos naturaes” do rio Branco. Certamente, seriam eles cacau, salsaparilha, cravo e outros gêneros de extração e, principalmente, escravos índios, frutos dessa tropa (Menck, 2009, p. 319).

Há informações oficiais da geografia fluvial de que as embarcações alcançaram no território o tipo de exploração aplicada contra o meio ambiente e especificidades da violência praticada contra os habitantes da região, indicando que o povoamento da localidade era de fato anterior à chegada dos exploradores. Mais registros trazem informações a respeito das manobras que os lusitanos fizeram para apoderar-se das novas terras:

Podemos afirmar que, não obstante as atrocidades cometidas pelas tropas de resgate do século XVIII, foram essas incursões que vasculharam de modo sistemático a bacia do rio Branco, atingindo frontalmente quase todos os grupos habitantes da região, e em especial aqueles localizados nas margens dos grandes rios, incorporando essa enorme região à Coroa lusitana. A conquista foi feita por meio do pavor que espalharam entre a população indígena na área, fazendo que a notícia da posse portuguesa chegasse às colônias vizinhas. Em 1746, o comandante da colônia holandesa de Essequibo informava à Companhia das Índias Ocidentais que os povos indígenas habitantes da área da Serra dos Cristais, nas cabeceiras do rio Rupununi, estavam recusando qualquer contacto [sic] com os brancos devido aos maus tratos [sic] que vinham lhes infligindo os portugueses (Menck, 2009, p. 323).

Esse documento oficial fornece a data em que as explorações da terra e dos povos originários iniciaram, práticas de exploração que consistia em afugentar os nativos com a escravidão. Sob pretextos inventados, justificavam suas ações. “O maior pretexto para a realização das guerras justas contra os indígenas era uma suposta invasão da região por holandeses” (Alonso, 2013, p. 13). Os constantes relatórios prestados às autoridades interessadas nas riquezas da região preencheram as lacunas existentes concernentes à ocupação das terras, ao período e às formas de atuação perante as etnias.

As relações interculturais variavam quanto à maneira de acessar os moradores locais. Nádia Farage (1991) esclarece a suposta invasão dos holandeses, notícia disseminada entre as populações indígenas locais:

Os holandeses, com efeito, nunca buscaram aldear ou converter os índios [...] investiam [...] em sua rede de influência junto aos povos indígenas na colônia: tratados de paz e comércio entre holandeses e índios são registrados desde pelo menos 1672 (Farage, 1991, p. 89).

O tempo apresentado pela antropóloga é mais um indicativo de uma convivência amistosa entre os grupos étnicos locais e os holandeses, momento anterior às ações da Coroa portuguesa quanto à delimitação fronteira ocorrida em razão da ocupação forçada das terras.

Introduzir os primeiros rebanhos nos campos gerais, com a fundação das [sic] “fazendas reais” em 1787” [...] São José, São Bento e São Marcos. [...] A maior parte foi ocupada por poceiros (VIEIRA, 2003, p. 35). Ainda segundo o autor, em 1886, contabilizava-se “[...] 80 fazendas particulares com grande aumento no começo do século XX” (Vieira, 2003, p. 37).

Os relatos recolhidos dos informativos oficiais continuam a recontar o horror sofrido pelos ameríndios, que, por vezes, é revivido na atualidade. Vale ressaltar que houve contribuições de outros grupos em favor das etnias e que devem ser testemunhadas.

A igreja católica foi um ator social que não se ateve apenas ao povoamento e ao cenário catequético que tanto afetou a cultura indígena, mas teve papel fundamental, enquanto influenciador também no âmbito da educação indígena. Em eventos mais recentes, como no episódio da demarcação das terras indígenas, participou ativamente para beneficiar os indígenas. Para Burgardt (2015) um fator pontual foi a estratégia política adotada. Em eventos mais recentes, como no episódio da demarcação das terras indígenas, participou ativamente para beneficiar os indígenas. Para Burgardt (2015) um fator pontual foi a estratégia política adotada, diante da emergência de se pensar a respeito da demarcação das terras indígenas. Após a leitura das atas a respeito da demarcação da Terra Indígena “*Raposa Serra do Sol*”, o historiador concluiu que em 1778, a conclusão da construção do Forte São Joaquim fixou a presença portuguesa com o primeiro povoado, porém as tentativas de criar outros povoados não foram bem-sucedidas. Com isso, a sistematização da exploração dos grupos nativos intensificou-se, suscitando entre as etnias as insurreições, diminuindo o número de etnias e tornando escassa a mão de obra escrava. A chegada dos missionários carmelitas trouxe novas tentativas de povoamento, que não prosperaram. Entretanto, quando Lobo D’Almada chegou ao poder, entre 1786 e 1796, determinado a demarcar as terras, deu início ao projeto pecuário, conforme Vieira (2003, p. 37), usando a seguinte estratégia:

missionários católicos foram grandes incentivadores para o surgimento de líderes indígenas. Durante o processo, os líderes se dividiram. Alguns mantiveram as mesmas convicções, enquanto outros foram convencidos pelas ideologias contrárias à demarcação (*Ibid.*, 2015).

Obrigados a abandonar seu modo de viver, os indígenas, sob constantes protestos, se tornaram subservientes ao homem branco, principalmente quando estavam sob as constantes ameaças de coronéis como Bento Brasil (Alonso, 2013, p. 16), nome citado constantemente quando se faz referência ao tratamento violento dado aos povos tradicionais das terras de Roraima. Diante da invasão concretizada e avassaladora pelos não indígenas, surgiram os garimpos e a criação de gado, dois grandes facilitadores para a ocupação da terra, em um período curto de tempo. É nesse enredo letal que os testemunhos dão nome e voz às vítimas e aos sobreviventes.

Os conflitos violentos ocorridos nessa região se tornaram recorrentes desde que a Coroa Real arrematou colonos para povoar a terra com o propósito de efetuar a demarcação das terras portuguesas. A desconsideração pelos antigos habitantes da região deu legalidade e permissão para aqueles deflagrarem ataques mortais às etnias (Santos, 2023). As riquezas minerais ainda causam conflitos pelo controle dos territórios onde elas estão localizadas. Recentemente, houve uma tentativa de invasão das terras guianenses pelo presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, causando um estremecimento das relações entre os países que formam a Tríplice Fronteira Brasil, Venezuela e Guiana Inglesa, com a ameaça de guerra.

Essas são algumas considerações de registros históricos que apontam para o período em que os portugueses chegaram às terras roraimenses. No romance de Minev, pode-se constatar indígenas a favor da demarcação e outros contrários a ela, conforme veremos. Os fatos consolidados em documentos históricos não permitem passar despercebidas as transgressões experimentadas pelos povos originários. O processo de povoamento com atuações violentas dos lusitanos contra os ameríndios, a chegada dos primeiros posseiros e, principalmente, a presença indígena anterior à invasão de portugueses atestam a legitimidade do direito às terras pelas sociedades indígenas, ratificada pela Justiça brasileira.

Judeus e indígenas nas terras de Macunaima

A Terra Indígena “Raposa Serra do Sol” se assenta no extremo norte do Brasil, a nordeste do Estado de Roraima, na parte central da Ilha da *Guayana*, localizada na região de um ajuntamento de águas que comportam o rio Orinoco, o canal Cassiquiare, o rio Negro, o rio Amazonas e o Oceano Atlântico (Burgardt, 2015).

O processo de homologação das terras da antiga reserva envolveu discussões e conflitos judiciais entre as populações indígenas e os arroteiros que viviam na localidade. É certo que as

riquezas oferecidas pela região levariam a uma longa e acirrada disputa. O cenário de tensões dividiu até mesmo os próprios indígenas que a compartilhavam, entretanto, ao final, a Justiça entendeu que as terras deveriam permanecer nas mãos dos povos originários. Os arroteiros tiveram de deixar as terras que haviam comprado do próprio governo⁷, por meio de transações equivocadas, e saíram sem ser devidamente indenizados pelos investimentos feitos (Minev, 2018).

Acontecimentos interessantes ocorridos nas terras roraimenses atraíram a atenção de Ilko Minev e deram base para a escrita do romance quando o escritor chegou às terras de Macunaima. O mapa exposto na parte interna da contra-capa do livro expressa familiaridade com a região, pela apresentação de estados brasileiros e dos países que fazem fronteira com o Estado de Roraima.

O protagonismo judeu sefardita mostra, ao longo da obra, os espaços que compõem o enredo numa perspectiva de admiração e encantamento. Nas cenas apresentadas no romance, aparecem informações a respeito das personagens judias e indígenas. Uma destas, o tuxaua Genival, autoridade indígena, um dos primeiros nativos a se vincular ao casal de judeus, entrega seu netinho para que seja cuidado por eles como o próprio filho. Quando as histórias se encontram, fundem-se por meio dos laços sinceros da boa amizade. “São histórias individuais que começam a unir-se em uma história de coletividade, bem na Amazônia” (Santos, Silva, 2022, p. 11). O encontro de culturas mesclou os mundos onde as raízes judaicas acharam lugar entre os indígenas. O que os levou a isso foi o conhecimento de que Alice Melul perdera seu bebê:

Sem falar uma palavra sequer, o índio entregou a Alice o pequeno volume que segurava nos braços envolto em uma camiseta bastante surrada. Sem entender nada, estupefata, ela observou o seu conteúdo: um pequeno ser que se movimentava e resmungava baixinho; um minúsculo neném recém-nascido com o rosto marcado por picadas de mosquitos, formigas e outros insetos.

-Teu curumim morreu, Dona Alice, e tua casa é triste. Não tem nem chorinho pra chupar peito, nem nada. Troxe este curuminzinho pra tu e trouxe sobrinha, Araci, que tá cheia de leite. Curumim é teu! Cuida dele; tá fraquinho e pequenininho. [...] A criança começou a resmungar. Alice a desenrolou da camiseta e examinou aquele pequeno ser com marcas de ferroada por todo o corpo. Os olhos, de cor não definida, ainda não enxergavam. Ao segurá-lo, o pequeno sentiu o calor de Alice e se aquietou. Pareceu que alguma força estranha uniu os dois corpos, e percebi que Alice tremia de maneira incontável. (Minev, 2018, p. 43).

Nesse momento, as culturas se encontram. Pelo gesto significativo e pontual da familiaridade entre judeus e indígenas, ocorre uma conexão que se solidificaria. A empatia com a

⁷ Os primeiros documentos da ocupação da região do Rio Branco datam do início do século 18, e aparecem mais acentuados nos anos 1930 do mesmo século. Os portugueses, desde as viagens iniciais, tinham como finalidade “extrair drogas do sertão e apresamento de índios particulares” (Menck, 2009 *apud* Alonso, 2013, p. 12). A Coroa Real, decidida a marcar território nas terras de fronteira, pleiteou a construção do Forte São Joaquim utilizando a mão de obra indígena (Alonso, 2013).

dor do outro liga as histórias, uma harmonização, pondo de lado as questões territoriais. Uma mãe recebe em seus braços o sonho de ter o próprio filho. Duas histórias agora seguem juntas, representando o compartilhamento de heranças que sinaliza a confiança e a fraternidade: a conexão entre o bebê macuxi e a mãe judia. A ausência do filho perdido é alentada pelo corpinho de um novo filho, sem ela importar-se com a ascendência da criança, porque agora a recebe como sua. Assim, unem-se dois povos que sabem o que é sofrer e viver à margem da sociedade.

A união de mãe e filho representa a luta das coletividades silenciadas em diferentes momentos da história. Por passarem a viver entre os indígenas, Alice e Oleg enfrentam o processo de compartilhamento de culturas, ao aprenderem certos costumes indígenas, ao mesmo tempo em que o bebê Benjamim cresce aprendendo as práticas judaicas.

Outros cenários foram inseridos na obra. O majestoso Monte Roraima ambientou e harmonizou naturalmente o romance, além de ter inspirado o romancista na descrição da fauna e da flora da região: “Para todos os seres vivos, com exceção talvez para os cupins e tamanduás, este enorme território seria totalmente inóspito, quase um deserto. tendo clima, relevo e outras características tão diferentes do resto das planícies cobertas por densa selva” (Minev, 2018, p. 46).

A preocupação com os detalhes do lavrado roraimense enriquece a obra:

Sabíamos que mais ao norte o relevo muda outra vez, e aparecem os Tepuis, montanhas com platô em forma de mesa na parte de cima, que têm como representante mais famoso o Monte Roraima. [...] Uma manada de cavalos lavradores está bem na nossa frente, atrás dos cupinzeiros (Minev, 2018, p. 46; 47).

A descrição ofertada pelos olhos das personagens é de um ambiente deslumbrante situado em terras fronteiriças, servindo de paisagem para os três países da Tríplice Fronteira Brasil, Venezuela e Guiana Inglesa. O suntuoso Monte Roraima engrandece a obra, até mesmo para os que conhecem seus encantos e mistérios. Os cavalos lavradores somam-se ao quadro esculpido pela natureza. Por serem animais ariscos e para evitarem a aproximação com humanos, vivem livremente nos lavrados, suscitando curiosidade e admiração.

Ao deparar-se com uma realidade incomum e, ao mesmo tempo, atraente, o leitor é direcionado para dentro da história cheio de expectativas sobre os próximos acontecimentos. O reconhecimento do ambiente bucólico ocorre simultaneamente para o protagonista e para o leitor. Enquanto aquele vislumbra as paisagens, conhece pessoas, desfrutando diversas sensações, este experimenta a mesma coisa.

O olhar volta-se ainda para “as vivências da comunidade judaica ou de famílias isoladas nos interiores da Amazônia” (Silva, 2022, p. 136). O casal Hazan escolhe viver nas terras de Roraima,

como um recomeço, já que tinham perdido um filho. A vida em um lugar encantador, embora quase inóspito, não permite que vivenciassem as práticas judaicas, mas, sempre que podem ir à cidade, conseguem obter esse contato. Eles criam o novo filho sob a tutela do judaísmo e lhe dão liberdade para conhecer suas raízes indígenas.

Situações como as vividas pelo casal nos levam à reflexão sobre as contribuições que os fenômenos culturais exercem sobre o indivíduo que oferece de si para outras culturas onde está se inserido e das quais recebe a contrapartida. As histórias se fundem, encontrando, nos olhos e nas sensações das personagens, o contato entre culturas distintas. Assim, pode fazer sentido para o judeu adaptar-se ao novo lugar e estar ali, naquele cenário, que agora faz parte de sua vida, por mais difícil que lhe seja.

Judeus: testemunhas solidárias da memória indígena

A memória tem papel relevante no processo de socialização. É por ela que são guardados os princípios antigos e assentadas as novas experiências. De acordo com Halbwachs (1990, p. 36) “se possa falar da memória coletiva quando evocamos um acontecimento que teve lugar na vida de nosso grupo e que considerávamos, no momento em que nos lembramos, do ponto de vista desse grupo”, ou seja, a memória individual compõe a memória de um grupo.

Nesse sentido, as memórias individuais apontam para a ideologia de um grupo de pessoas, à medida que estas relembram momentos pontuais vivenciados pela coletividade. As vivências individuais ocasionam mudanças nos hábitos de cada indivíduo, em grau maior ou menor, fazendo com que contribua com as próprias experiências para a montagem de um quebra-cabeça maior, o da memória de todos os envolvidos.

É nessa perspectiva que os conceitos testemunho, testemunho latino-americano e testemunha solidária surgem para dar embasamento a esta análise, fazendo ecoar a voz indígena ao longo da narrativa, permitindo que sejam recontadas atrocidades históricas e violências que os indígenas, na condição de sobreviventes, precisam testemunhar. Ainda que as experiências traumáticas tenham ocorrido em um passado distante, o testemunho, na voz do sobrevivente, relaciona-se no presente com as vivências antigas. O sobrevivente faz uso do testemunho como quadros pintados de profunda dor, mostrando o sangue de seus irmãos derramado, trazendo as cores do sofrimento que denunciam o tratamento desumano a que foram submetidos. Portanto, importa testemunhar, delatar, reviver e relatar as condições violentas a que foram submetidos os sobreviventes e os que faleceram

no caminho. O papel da testemunha solidária é pontual, como ouvinte e relatora dos fatos, pois “testemunha também seria aquele não vai embora, que consegue ouvir do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro” (Gagnebin, 2006, p. 57).

A testemunha solidária tem uma escuta atenta da violência sofrida pelo outro, infortúnio que é evocado nas suas palavras. O narrador se encontra na condição de porta-voz, voz compreensiva e humana que reporta a dor do outro. A testemunha solidária faz a escolha de recontar as vivências dolorosas dos sobreviventes, delatar as atrocidades, não se calar, narrar.

Pelo testemunho, pode-se perpetuar a memória de um povo, de uma coletividade que foi silenciada. É na memória que se escreve, com tinta permanente, gemidos que não foram ouvidos, rostos que desapareceram na história, nomes que foram esquecidos e vidas que foram ceifadas precocemente, desprezadas por não serem vistas como iguais. Testemunha é memória vívida. Ela atualiza os fatos, permitindo reconsiderar o malfeito e redesenhar corretamente a sua história e a dos outros.

O testemunho no romance *Na sombra do Mundo Perdido* é acessado pelo retorno ao passado, pelo encontro com quem conheceu e viveu a história, levando o leitor a perceber um sofrer histórico que continua a ser recorrente na realidade dos povos originários. Tal ideia possibilita ecoar a voz de uma coletividade, a dos povos originários. É no campo do testemunho que os atos de violência sofrido por eles, do colonialismo até à atualidade, podem ser ditos, vistos e refletidos por quem os escuta, enxerga-os.

A voz indígena começa a ser resgatada quando transporta para a atualidade genocídios ocorridos anteriormente à época do enredo, segundo se vê em *Na Sombra do Mundo Perdido*. O exemplo comentado por Minev (2018) é o do massacre da Praia do Sangue, que resultou na morte de vários indígenas. Conforme Minev (2018, p. 37) “uma chacina que, de tão grande, tingiu de vermelho as águas do Rio Branco! Esta vergonhosa e covarde demonstração de força dada pelos portugueses – apelidada de ‘guerra justa’”.

Ainda nas páginas do romance, pode-se ouvir, pela voz das personagens, diferentes formas de ataque contra a vida indígena:

Os colonizadores europeus trataram os índios como animais selvagens e sem alma. De acordo com os registros oficiais, a coroa portuguesa legalizou a escravidão dos índios somente em 1611 e a aboliu em 1775, mas na verdade os maus tratos [sic] duraram muito mais tempo. Durante todos esses anos, contra sua vontade, eles eram transferidos para comunidades, povoados e aldeamentos fundados em regiões distantes dos seus grupos de origem, donde nunca mais conseguiam voltar para o convívio de suas tribos. Assim, eram escravizados, manipulados e explorados pelos capitães de aldeia e pelos religiosos que se apresentavam como seus salvadores.

Descobrimos horrorizados que a colonização do Vale do Rio Branco tinha sido uma sequência de crueldades da pior espécie. Os nativos foram tratados como animais de trabalho, e as mulheres ainda tinham o triste e obscuro destino de escravas sexuais. Nessas condições, apareceram naturalmente as revoltas sangrentas, e os conflitos entre índios e não índios (Minev, 2018, p. 37).

O tom da voz solidária pode ser ouvido a partir de outras vozes solidárias: as testemunhas que presenciaram a barbárie, as que ouviram falar e que, ao longo do tempo, foram recontando as narrativas. O conteúdo testemunhal leva a ressignificar o que se vê nos dias atuais. As aquisições desfrutadas no tempo presente foram alcançadas à custa da morte de muitos, da sobrevivência de alguns, contudo podem ser ouvidas por todos. Tais testemunhos podem ser encontrados em várias fontes documentais holandesas, portuguesas e indígenas do século 13 até o século 21, conforme vimos.

As palavras da testemunha solidária soam como um compromisso com os que vivenciaram as atrocidades, incentivando os sobreviventes a que ouçam e consintam que outros escutem e reflitam sobre o que relatam os denunciadores, posto que “gravar seu testemunho nos escritos daquele a quem interessa ouvir e publicar, [sic] faz com que sua voz seja ouvida, atendida e que possibilitará ir em paz, se tornar encantado” (Santos, 2023, p. 2347).

O testemunho confere às vítimas uma oportunidade de recontarem sua dor, de tornarem palpável o evento traumático. Possibilita a conferência do ocorrido com elas em detalhe para o registro de sua história silenciada. Sem esquecer-lhes a dor, deixa que suas perturbações se esvaíam por entre suas palavras. São anciãos e anciãs, mulheres, homens, jovens e crianças indígenas que sobreviverão na memória de outros e que serão lembrados cada vez que sua história for recontada.

Cada detalhe importa ser dito. O retrato da memória ancestral mostra, agregado ao genocídio, o desprezo pela figura indígena, reforçado pela escravidão explícita dissolvida em maus-tratos. O destino imposto aos nativos, obrigando-os a ir para longe de seu povo, enjaulados na distante Floresta Amazônica, forçados a esquecer suas origens, tornou os povos tradicionais vulneráveis em todos os âmbitos de sua vida social, política, econômica e cultural. Sob o olhar da testemunha solidária, o protagonista reconta, em forma de desabafo, o que a comoção arranca da voz pela solidariedade do narrador. “Descobrimos horrorizados que a colonização do Vale do Rio Branco tinha sido uma sequência de crueldades da pior espécie” (Minev, 2018, p. 37).

A experiência traumática carece ser delatada em distintos formatos. Testemunhos escritos e relatos ouvidos são ataques contra o sofrimento que aflige a mente do sobrevivente. A imagem do choque sofrido é vista pelo ouvinte.

“A violência é incomensurável, provocando desorientação, vertigem, desenraizamento e interdição do dizer” (Fux; Cei, 2012, p. 151). É o desabafo que percorreu tantas vezes o âmago do indivíduo, que agora se vê jorrar para fora do recôndito da dor, seja pela voz, seja pela escrita, ressoando para todos quantos puderem ouvir e transmitir.

O romance mostra que ouvir as histórias desencadeiam o entendimento de uma realidade de conflitos e de discordâncias pela disputa das terras. As histórias narradas pelos povos originários fazem o escritor reconhecer isso:

Só agora, conhecendo melhor a história, começamos a nos dar conta de que as feridas do passado ainda não tinham cicatrizado por completo e que, com o tempo, o sentimento de animosidade entre colonos e índios iria voltar a se manifestar mais fortemente (Minev, 2018, p. 39).

Tal qual se percebe no romance, as tragédias sofridas pelos grupos étnicos não lhes permitiriam esquecer a dor do passado e, ainda que existissem laços amistosos, não apagaríamos as perdas que os indígenas sofreram. Lutariam, sem dúvida, por sua terra. A luta pela demarcação de suas terras foi uma demonstração clara de que se fariam ouvidos. No passado, os ameríndios foram silenciados, até certo ponto, porém, ao longo da história, foram reconquistando sua voz.

É pertinente a citação do rabino brasileiro Jayme Brener (2022) baseada no discurso de Joachim Prinz pronunciado na década de 1963, enquanto lutava pelos direitos civis nos EUA:

O problema mais trágico é o silêncio. Os judeus não podem se tornar meros espectadores. Eles têm de falar e não apenas para o bem de outras minorias, mas para o bem da imagem, dos ideais e das aspirações da própria comunidade judaica (Brener, 2022, p. 91).

Veja que a saída da posição de espectador inclui a ação de se erguer e romper com o silêncio. A voz mostra a disposição de um grupo na hora da luta. Enquanto o falar de um grupo defende os próprios anseios, também lança luz sobre as outras minorias, conclamando para que se desfaçam da posição inerte, do silêncio, e reajam. Os judeus foram encorajados a dar voz e nome às atrocidades que viveram, refazendo o trajeto entre passado e presente, em contato com a dor sofrível de uma voz silenciada. Nas palavras de Seligmann-Silva (2002, p. 137): “Aprendemos que o elemento do movimento histórico penetra nosso presente tanto quanto serve de cimento para nosso passado”.

O sentido dos testemunhos pode ser o de reconstruir pontes ideológicas que ligam passado e presente e que ainda projetam no futuro uma esperança de com (vivência) respeitosa, em prol de um bem coletivo, daquele que, ao olhar para o outro, se vê refletido como igual. É ter a oportunidade de reconsiderar os atos desastrosos ocorridos no passado, reaprender novas formas de trato, de

cordialidade e de companheirismo no presente, não apenas de lamento, mas também de mudança de posição na história.

O reconhecimento histórico da realidade de escravidão indígena, percorrido pelo autor, demonstra um longo período de exploração, que, nem mesmo quando abolida por lei, impediu que se prolongasse na região:

Ao longo dos últimos séculos, aquela fronteira da civilização com as terras novas sempre foi marcada pela inevitável falta de mãos de obra, sempre associada e solucionada através de algum tipo de escravidão; seja de negros oriundos da África, seja dos facilmente localizados e capturados índios. Como os africanos vinham de muito longe e custavam muito caro, em Roraima tinha sobrado para os índios a árdua tarefa de servir aos intentos exploradores dos colonizadores (Minev, 2018, p. 36).

Mostrou-se ser mais viável para os exploradores encontrarem formas de diminuir os gastos. Precisavam da mão de obra que estava presente na região explorada. Cada vez mais inventavam novas formas de garantir seus objetivos, testando tipos de abordagens violentas contra os indígenas, “todas essas atrocidades geraram uma necessidade de testemunho: como denúncia, mas também como processamento do trauma. A escrita é um modo de se processar a violência” (Seligmann-Silva, 2011, p. 10).

O testemunho leva o leitor até o local do trauma. Instiga nele o desejo de conhecer mais a fundo os relatos. A aproximação com o local do trauma leva o testemunho a retirar de sobre a crueldade histórica o tecido que encobre a visão da verdade. Ocorre, então, o inevitável, a transparência da narrativa delatada visualizada nos tons violentos, mesclados pelas cores do sofrimento, gerando, a partir do testemunho, a tentativa de libertação das vítimas, dos sobreviventes. Agora podem encontrar um lugar de fala pela escrita, pela perpetuação e pela divulgação de sua história. Os escritos testemunhais abrem espaço para que as vozes sejam ouvidas.

No romance de Minev, as personagens judias dão voz aos indígenas. São aquelas que recontam os eventos trágicos vividos por estes. Ler o romance *Na Mundo do Mundo Perdido*, visualizando Roraima, distinguindo os lugares pelos nomes e vislumbrando as paisagens e as personagens, pode despertar no leitor o anseio por conhecer a história indígena, examinando-a com um olhar mais atento, e levá-lo a ter ciência da outra face da história, deixando de reproduzir discursos distorcidos da realidade dos povos tradicionais. Nesse sentido, afirmam Fux e Cei (2012, p.143) que: “assim, aprendemos a interpretar as obras em seu contexto, compreendendo como elas se relacionam com as estruturas de dominação e com as forças de resistência, refletindo sobre as possibilidades de transformação social radical”.

O contexto em que se assentou o enredo permitiu distinguir que os exploradores chegaram em posição de dominação forçada, bem como se organizaram as forças de resistência indígena. A escravização dos nativos infelizmente existiu, mas os povos originários se defenderam o quanto puderam, lutaram pela sua vida, pela herança das terras ancestrais e pela vida de seus descendentes. Após centenas de anos, se pode perceber as mudanças ocorridas a partir dos testemunhos divulgados, retratados e reescritos tornando perceptível a desigualdade com que enfrentaram seus algozes.

No romance, as idas e vindas do narrador na história das etnias, mostra o peso testemunhal, que explicita o rastro do aniquilamento e o sofrimento de vários povos indígenas que atravessou séculos, como ocorreu no Massacre da Praia de Sangue, mencionado por Minev. As narrativas das personagens retratam as vidas dos sobreviventes, dos resistentes à dura colonização, dos que foram sacrificados na imolação realizada pelos colonizadores que desejaram lucrar com o que poderia ser extraído das terras de Macunaíma.

Estas são narrativas que podem ser contextualizadas em qualquer tempo, em qualquer local, porque ainda são recorrentes as atrocidades que por vezes incorrem sobre a vida indígena, sobre o território ancestral, sobre a sua cultura. A concepção que os judeus, tiveram da realidade catastrófica, que chegou ao seu conhecimento enquanto viveram entre os povos originários pode tê-los feito lembrar de sua própria história. Reconheceu-se a necessidade de narrar a perspectiva indígena em contraponto à versão dos dominadores: “O reconhecimento social da culpa ajuda a estabelecer o princípio da realidade e a capacidade de diferenciar a fantasia da realidade” (Seligmann-Silva, 2011, p. 143).

A conjuntura de acontecimentos catastróficos ocasionada desde os primeiros contatos dos colonizadores com os povos tradicionais trouxe consequências drásticas. Sabe-se que nem todas as interações entre os atores sociais foram desastrosas, conforme pudemos notar com a relação amistosa entre o casal judeu e os macuxis no romance de Minev. Entretanto, é fato que os prejuízos à vida indígena foram inimagináveis e continuam a ser recorrentes em diferentes lugares do Brasil. A necessidade do reconhecimento social da culpa pode ser contabilizada nas narrativas expostas na obra de Minev, que ecoa um resgate histórico da morte e vida de indígenas sob a tutela de não indígenas. A participação dos judeus como testemunhas é uma maneira de trazer a dissociação entre o que foi real e o que foi fantasiado na história das etnias de Roraima.

Espera-se que os tristes relatos da condição indígena fomentem nos ouvintes e leitores, enquanto testemunhas solidárias, enquanto compartilhadores de testemunhos, verdadeiras

mudanças, novas práticas, atitudes, com uma evolução que tenha um efeito colateral coletivo, compondo uma sociedade honesta, justa e verdadeiramente humana. O testemunho sobre os povos originários foi dado por personagens judeus. E mesmo que o romance *Na Sombra do Mundo Perdido* não tenha como ideia central, a versão indígena, e sim a dos arrojados, o romance tem a preocupação de também transmitir a voz indígena. Que a realidade sofrida, abra um leque para que as histórias de outros tantos, guardadas, até então, no passado sombrio, sejam reveladas.

Considerações Finais

O romance *Na Sombra do Mundo Perdido*, de Ilko Minev, apresenta, ao longo do enredo, fatos históricos que denunciam a violência sofrida pelos povos originários. A testemunha solidária, pela voz do protagonista judeu, delata a escravidão, o genocídio, o assassinato e os conflitos suportados pelos indígenas. Estamos falando não de um, mas de vários séculos de agonia, de angústia, em que pouco se podia fazer para se livrar do círculo de barbárie.

Uma mirada no passado, por meio de pequenos trechos inseridos na obra, possibilita visualizar os ecos da experiência traumática, dando voz às sociedades tradicionais. Quando nos aproximamos da obra, que traz um teor traumático, é possível enxergarmos a dor indizível com a qual os sobreviventes foram obrigados a conviver.

O autor escolheu contar o testemunho não de um indígena, mas de vários povos ameríndios, narrando a carnificina desencadeada pela sujeição, a escravidão, o aprisionamento longe da família, a luta por viver nas terras ancestrais. Ecoa a voz dos povos originários pela voz dos judeus sefarditas. Estes cederam a voz para fazer reconhecida a voz de uma coletividade silenciada. No romance, em que há o encontro desses dois grupos, em que laços são criados por meio da filiação, a criança macuxi passa a receber ensinamentos judaicos, mas cresce consciente de suas raízes e das condições a que seus antepassados foram submetidos.

O testemunho religa passado e presente. O eco das experiências traumáticas é a linha que une passado e presente, remodela o porvir, mesclando a dor do passado na liberdade do presente. A testemunha solidária está presente nos diálogos feitos pelas personagens, pelos judeus, como demonstração de solidariedade e empatia, ainda que não tenham visto com os próprios olhos, mas com os olhos da imaginação, guiados pelos sobreviventes. O testemunho religa fatos antigos com acontecimentos atuais, podendo evitar que atrocidades ocorram novamente. Assim ressoa a voz indígena em *Na Sombra do Mundo Perdido*.

Referências

ALONSO, V. Roraima movimento indígena, demarcação de terra e conflito. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2013.

BRENER, J. Henry Sobel: **O rabino do Brasil**. Paraná: Ex – Libris, 2022.

BURGARDT, V. Raposa Serra do Sol: Atas que contam histórias (1977-1998). In: XXVIII Simpósio Nacional de História, Florianópolis, 2015. **Anais** [...] Florianópolis: ANPUH, 2015. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1438565289_ARQUIVO_Textoparaapresentacao.pdf. Acesso em: 11 jan. 2020.

FARAGE, N. **As muralhas dos sertões, os povos indígenas no rio Branco e a colonização**. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

FUX, J.; CEI, V. Adorno, Drummon e o Teor Testemunhal da Poesia. 2012. In.: Revista Eletrônica **Literatura e Autoritarismo**. Santa Maria. Dossiê nº 12, p. 141-154. Novembro 2022. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/dossie12/>. Acesso em: 10 ago. 2023.

GAGNEBIN, J. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. Trad. Laurente León Schaffter. São Paulo: Edições Vértices, 1990.

SKLODOVSKA, Elzbieta. **Testimonio hispano-americano: historia, teoria, poética**, Nueva York, Peter Lang, 1992.

MENCK, J. **A questão do Rio Pirara (1829-1904)**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão. 2009.

MINEV, Ilko. **Na Sombra do Mundo Perdido**. São Paulo: Buzz Editora, 2018.

SANTILLI, Paulo. **Pemongon Patá: Território Macuxi, rotas de conflito**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

SANTOS, J.; SILVA, A. O Encontro de Indígenas e Judeus em *Na Sombra do Mundo Perdido*, de Ilko Minev. In.: SALGADO, e IGEL, R. (Org.). **Amazônia Judaica 20 anos depois: história, memória, tradição e cultura**. Rio de Janeiro: Talus Cultural. 2022. 170-180.

SANTOS, J. *Xununu Tamu*, na Luta pela sobrevivência: o Testemunho como religamento da História à Memória. In.: **V CONIL Congresso Internacional de Letras: gênero, poder e linguagem – velhas estruturas, novos desafios na língua**, V. 7, 2023, Maranhão. Universidade Federal do Maranhão. Disponível em: https://docs.google.com/document/d/17H8tk3nfvAETTpjLvz-7a1StFO_OPaAEKC6YGPh3bN8/edit. Acesso em: 05 set. 2023.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura e Trauma. **PROPOSIÇÕES** – vol. 13, n. 3. (39). (p. 135 – 153) – set./dez. 2002. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2165/39-dossie-silvams.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2023.

_____. Entrevista a Márcia Tiburi. In: **Trama Interdisciplinar** v.2 – n.1. 2011. p. 8-18. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/3963/3150>. Acesso em: 8 ago. 2023.

SILVA, A. C. da. Kol Amazônia: escritores judeus do norte do Brasil. In. SALGADO, e IGEL, R. (Org.). **Amazônia Judaica 20 anos depois: história, memória, tradição e cultura**. Rio de Janeiro: Talus Cultural. 2022. 134-169.

VIEIRA, Jaci Guilherme. Missionários, fazendeiros e Índios em Roraima: a disputa pela terra 1777 a 1980, **Tese** (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

Recebido em: 16/01/2024

Aprovado em: 16/03/2024

Como citar este artigo

SANTOS, Jucicleide Pereira Mendonça; SILVA, Alessandra Conde da. Em busca da voz indígena no romance *Na sombra do mundo perdido*, de Ilko Minev. **Revista Narrares** – V.2, N.1, Jan-Jun, 2024, pp. 107-127.